

AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

NANA KWAME ADJEI-BRENYAH



«Épico... Inebriante.» *THE ATLANTIC*

«Um dos grandes escritores americanos contemporâneos.» *CHICAGO TRIBUNE*

LOGOS DA PRISÃO

**CHAIN-GANG
ALL-STARS**

TOP
SEL
LER

Para o meu pai, que dizia:
«Não há nada como ajudar alguém em dificuldades;
não há nada igual.»

Espero que o Universo te ame hoje
Kendrick Lamar

Índice

A Libertação de Melancholia Bishop	13
--	----

PARTE I

Hurricane Staxxx	25
B3	42
Teacup	49
Ir na Onda	58
Elétrico	64
Hendrix «Scorpion Singer» Young	73
A Carrinha	81
Elo de Individualidade	91
Circuito	100
<i>Central do Desporto</i>	120
Banho de Sal	127
Simon	138
A Nova Maneira	139
Comida	150
Porta Quatro	163
Estável	168

PARTE II

Simon Craft	179
Os Filhos dos Encarcerados	184
<i>Vega</i>	191
O Conselho de Administração	194
Corpo a Corpo	199
Ser Influenciado	208
A Arte da Influência	219
Sing-Attica-Sing	230
Férias	244
Centrada	251
Simon J. Craft	259
Cantado	260
Querido?	266
A Boleia	270
McCleskey	274
Hamara	278
Conferência de Imprensa	283
Nós, os Escravizados	291
Entrevista	293
Kai	298
Arcada de Balões	302
O Mercado de Pequenos Produtores	309
Gelados Deane	315
Isto	321

PARTE III

Sunset Harkless	329
Gás Lacrimogéneo	338
A Lenda de One-Arm Scorpion Singer Hendrix e Unkillable Jungle Craft	345
Bad Water	354
Hotel Regional	356

Preparação	365
A Viagem	368
A Manhã de	371
Shareef	379
A Sensação	384
Sim	385
Pela Porta	388
Temporada 33	393
Chupa-me a Pila, América	396
BlackOut	400
Jogo	407
Colosso	410
O Dia da Libertação	412
Loretta Thurwar	415
<i>Agradecimentos</i>	421

A Libertação de Melancholia Bishop

Ela sentiu-lhes os olhos, todos aqueles carrascos.

— Seja muito bem-vinda, menina — disse Micky Wright, o apresentador de Jogos da Prisão, a joia da coroa do programa de Entretenimento Penal de Ação Criminal. — Ora então, diga-nos lá o seu nome. — As suas botas de cano alto pisavam o comprido relvado do Campo de Batalha, pincelado de riscos brancos que faziam lembrar cocaína, como um campo de futebol americano alternativo. O Super Bowl jogava-se nesse fim de semana, facto que Wright estava contratualmente obrigado a mencionar entre cada combate dessa noite.

— Você sabe o meu nome.

Ficou surpreendida com a sua firmeza e sentiu um vago assomo de amor-próprio. Estranho. Há muito que se habituara a olhar para si própria como uma imprestável. Mas o público pareceu apreciar a sua ousadia. Aplaudiram, embora o apoio não escondesse a ironia perversa. Desprezavam aquela mulher negra, vestida com o macacão cinzento dos presidiários. Era alta e forte, e desprezavam-na a ela e à sua densa carapinha negra. Olhavam-na com superioridade e alegria. Estava prestes a morrer. Acreditavam naquilo como acreditavam no Sol e na Lua e no ar que respiravam.

— Que assanhada — constatou Wright com um sorriso contente. — Talvez devêssemos chamá-la assim: Gata Assanhada.

— O meu nome é Loretta Thurwar — disse ela.

Olhou para as pessoas à sua volta. Eram tantas, hordas de humanos que jamais seriam objeto de tão cruel atenção. Jamais saberiam como se sentia simultaneamente minúscula e poderosa. Como o rumorejar de milhares, tão tonitruante, tão constante, podia desaparecer dos ouvidos, para continuar a borbulhar como um formigueiro pelo corpo todo. Thurwar agarrou na arma que lhe tinha sido dada: um fino saca-rolhas com cabo de cerejeira. Era leve, simples e frágil.

— Então, não vai ser a Gata Assanhada? — perguntou Wright, orbitando-a a uma distância considerável.

— Não.

— Talvez seja melhor assim, Loretta — disse ele, dando um passo em direção à sua tribuna. — Além do mais, detesto desperdiçar bons nomes. — Riu-se e o público acompanhou-o. — Bem, Loretta Thurwar — começou ele, retalhando-lhe com condescendência trocista o primeiro nome em três sílabas marcadas e cantarolando o último —, bem-vinda ao Campo de Batalha, querida.

Sentiu-se uma vibração elétrica trespassar o ar e Thurwar foi puxada para baixo com tanta força que, por instantes, receou que o ombro lhe tivesse sido deslocado. Ajoelhada, sem saber o que fazer, começou a rir-se. A princípio discretamente, e depois com gargalhadas sonoras. A sensação que vinha dos implantes magnéticos que tinha nos braços era, na verdade, como uma massagem suave sob a pele. Conseguia mexer os dedos livremente, mas os pulsos estavam presos à plataforma. Era ridículo. Riu-se até ficar sem fôlego, e depois riu-se mais um pouco.

Ouviram-se badaladas.

Wright gritou para a multidão:

— De pé, que chega Sua Majestade!

E correu para a sua tribuna de apresentador.

O público pôs-se de pé. Ficaram imóveis e hirtos. Por ela.

Ela entrou no falso campo de futebol. Liga de alumínio nos braços. Tranças pela nuca. Ombros nus, ambos tatuados com o logótipo do WholeMarket™. Da proteção peitoral saía-lhe uma série de hastes em arco até ao abdómen musculado, formando uma armação

elegante. Era uma criação personalizada. Thurwar recordava-se de que aplaudira a primeira vez que percebera que as peças metálicas, que inicialmente se pensava serem exclusivamente defensivas, eram mais do que isso. Amontoada com as outras no seu bloco de celas à volta do ecrã que passava a transmissão do programa, ficara a ver, fascinada, enquanto a mulher tirava duas das hastes do peitoral e as espetava nos olhos de Slingshot Bob.

E agora Thurwar estava a ver as hastes de perto. Era o último combate de Melancholia Bishop. Bishop tinha conseguido. Fizera o que nenhuma mulher antes dela conseguira fazer: sobrevivera três anos no Circuito. Três anos a malhar com o seu martelo, o *Hass Omaha*, e a brandir a sua maça, *Vega*. Três anos a enviar almas para os anjinhos.

— Ei-la, a Rainha dos Danados do Condado de Drowned King!

Nas suas mãos, apenas o capacete. O Elmo de Melody. Ao estilo dos Cruzados, de estanho e com uma cruz dourada no meio.

— A Aniquiladora, a Dama do Apocalipse, o Anjo da Morte em pessoa!

O sétimo sino tocou; as pessoas gritaram. Durante anos, aquele fora o ritual sagrado daquela gente. Os sete sinos de Melancholia Bishop. Tinham-na visto limpar a escumalha da face da Terra. Tinham-na visto matar mulheres e homens que, em tempos, diziam amar. E agora ali estava ela, a olhar para eles pela última vez. Em breve seria livre.

Melancholia

Melancholia

Melancholia

Ouvia o cântico da multidão, enquanto os seus olhos castanhos percorriam as bancadas. Depois, levantou o capacete acima da cabeça. Quando aquilo começava, sentia-se em casa.

Melancholia

Melancholia

Melancholia!

— Pela última vez — incentivou Wright —, ajudem-me a dar as boas-vindas à mulher que mais vitórias conquistou no Campo de Batalha. A Nossa Senhora da Morte. A Nossa Mais-Que-Tudo Sagrada.

A Cruzada. A mais impiedosa que o planeta já viu. A vossa Melody «Melancholia Bishop» Price!

A vossa, pensou Thurwar, aturdida pela força do amor que irrompia do público. Amavam-na tanto, e, mesmo assim, aquela mulher, apesar de tudo, não pertencia a nenhum deles. A aura que a envolvia deixava-o bem claro. De tal modo que Thurwar não se conseguia impedir de baixar o olhar. Como se a mulher à sua frente fosse realmente da realeza.

Curvada na sua Plataforma de Restrição, Thurwar tinha diante de si um poder inenarrável. O martelo e a maça. De um lado do campo, estava uma cavaleira com a sua armadura. Do outro, estava Thurwar, de fato-macaco e com um saca-rolhas a escorregar-lhe nas mãos suadas.

Bishop!

Bishop!

— Algumas últimas palavras, Melancholia? — perguntou Wright.

— O que é que posso dizer mais? — devolveu a voz metálica mas familiar por trás do capacete, dirigindo-se ao público. — Estou no sítio onde comecei. — A multidão aplaudiu freneticamente. — Quando aqui cheguei, tinha dois H nas costas. Dois homicídios. Quando me for embora, continuarei a ter apenas dois. Só que tive de matar muitas mais pessoas para chegar aqui.

— Lá isso é verdade. Deixou muitos pelo caminho — disse Wright. — Mas há alguém que se destaque? Houve tantos momentos especiais. E não deixou dúvidas a ninguém sobre o seu valor. Agora que está aqui, no cimo da montanha, quando olha para baixo, do que é que tem mais orgulho?

— Orgulho?

O rosto metálico virou-se para o céu. Ela riu-se. A multidão acompanhou-a, um pouco desconfortável. Riam-se, porque aquela era a sua rainha. Quando o riso da turba se tornou estridente, Melancholia ficou em silêncio. Seguiu-se então um momento em que a multidão parecia perdida em relação ao que fazer a seguir.

— Bloquear! — gritou Wright.

Voltou a soar uma força elétrica, desta vez prendendo Melancholia Bishop à plataforma por baixo dela. A Câmara Holográfica com

Microfone (CHM)* para onde tinha estado a falar levantou voo e posicionou-se atrás dela. Um rumor de espanto atravessou o público. Prendê-la à força, silenciá-la no dia da sua libertação. Aquilo não lhes parecia digno. Um súbito bloqueio à força era o que se fazia aos desprezíveis, aos profanos, aos indisciplinados, aos cobardes. Por isso, desaprovaram o feito, mas voltaram a esquecê-lo com a mesma rapidez, ávidos de testemunharem a História acontecer diante dos seus olhos: a libertação de Melancholia Bishop.

— Que a luta até à morte comece! — gritou Wright.

O som alto e vazio do desbloqueio percorreu a arena. As mulheres estavam livres para se lançarem uma sobre a outra.

Thurwar levantou-se e correu de imediato contra a mulher indestrutível que estava à sua frente. Quando estava suficientemente perto, saltou e puxou o punho cerrado à volta do saca-rolhas para trás, pronta para atacar. Gritou e desferiu um golpe. O pescoço, o pescoço. O seu corpo dizia-lhe o pescoço.

Melancholia agarrou-a pelo pulso, anulando-lhe totalmente o ímpeto, e deu-lhe um murro no estômago.

Melancholia

A multidão gritava ao ritmo de tambores. Combate após combate, tinham visto Melancholia deter os golpes e contra-atacar, largando o *Hass Omaha* ou a *Vega* para poder agarrar a adversária com uma mão e usar a arma que tinha na outra para lhe desferir um golpe mortal. Mas, naquele momento, segurava aquela insignificância pelo pulso e dava-lhe um simples murro. Um golpe a que qualquer um poderia sobreviver. Estava a brincar com a comida. Eles riam, aplaudiam e gritavam. Uma artista até ao fim.

— Leva o golpe até ao fim, não fiques a meio — disse Melancholia.

Aquilo, o público não podia saber. No elmo, sem as HMC a zumbir por perto — podiam distrair ou afetar a luta —, as duas mulheres no Campo de Batalha estavam sozinhas com as suas palavras.

* A Câmara Holográfica com Microfone (CHM) EyeBall™ é o principal dispositivo de gravação de vídeo/som de todos os desportos de ação. Estas câmaras inteligentes com autopropulsão aérea fazem o trabalho sujo, para que uma pessoa não tenha de o fazer. Um Produto Kodex.

Melancholia desferiu outro soco em Thurwar, deitando-a por terra.

Thurwar sabia que tinha sido poupada, mas não sabia porquê. Engoliu a seco a visão da morte que vislumbrara quando Bishop a agarrara, e olhou para a mulher, heroica e temível, que a olhava desde cima.

— Estás a ouvir? — perguntou Melancholia.

Thurwar cambaleou pelo campo, ofegante, escrutinando o relvado. Perdera o saca-rolhas. Odiava-se. Aquele velho sentimento intenso e familiar. Estava a chorar. Tinha dó da patética figura que era naquele momento, encolhida e fuçando pelo chão. Estava em pânico e, não tardava, morta. Mas a sua assassina estava a falar com ela.

— Ouve o que te digo — insistiu ela.

Sentiu um pontapé nas costelas. Rebolou pela relva, lutou por voltar a respirar e levantou-se novamente.

Recompôs-se e olhou para a Cruzada. Queria vencer. Queria-o com todas as fibras do seu ser. Sentia queimar dentro de si uma ânsia feroz de esmagar a mulher que tinha pela frente. Queria que o público se comovesse. Pela primeira vez em muito tempo, queria viver.

Sem qualquer arma à mão, Thurwar correu contra Melancholia. Antes de saltar, viu que o martelo e a maça estavam no chão. A titã estava a brincar com a sua vida. Acelerou e placou a mulher com a urgência de um suicida. Caíram por terra, rebolando sobre as marcas brancas. Thurwar sentiu então um puxão no couro cabeludo. Tentou erguer-se, mas foi golpeada no peito. Foi puxada pelos cabelos até ficar de joelhos.

— Rapa-o — disse Melancholia, com o punho cheio de cabelo de Thurwar. Desta vez, Thurwar ouviu-a e percebeu que lhe estava a ser dada uma ordem. — Rapa o cabelo — repetiu Bishop, numa voz dura e rouca, dando-lhe um novo soco, desta vez no rosto. Thurwar sentiu o sabor do sangue que lhe escorria do nariz para os lábios. Foi novamente atirada ao chão.

— Está à tua frente — ouviu Thurwar. — Escolhe agora.

Melancholia levantou os braços em sinal de vitória. O público gritou, em delírio.

Thurwar viu a corrente de metal serpenteando em volta da madeira. Saltou para ela como uma cobra e, na pressa da a agarrar, fez um golpe profundo no dedo médio. Ignorou o sangue, pôs-se de pé, e, enquanto o fazia, Melancholia Bishop virou-se para ela, baixou-se e apanhou o martelo.

Com passos felinos e cuidadosos, Thurwar descreveu um perímetro amplo à volta de Melancholia. O clamor das bancadas tornara-se um bramido uniforme, mas o som era agora apenas um eco, tal como a dor que sentia no corpo.

— Eu fiz o jogo deles. Tu não o fazes.

— Não vou morrer aqui — disse Thurwar, deixando uma parte dela há muito reprimida vir à superfície.

— Então, leva o golpe até ao fim, não fiques a meio.

Thurwar olhou desconfiada para Bishop.

— Estou muito cansada — disse a outra mulher. — Compreendes?

— Não vou morrer aqui — repetiu Thurwar, com as palavras a invocarem-se a si próprias. Continuou a circundar Bishop, afastando-se paulatinamente, ganhando espaço para lançar um ataque. Bishop seguia-lhe os movimentos, girando suavemente sobre os seus pés.

— Então, leva o golpe até ao fim, não fiques a meio. E rapa a merda do cabelo. E faz com que eles amem uma versão de ti. Essa é a parte importante, faça o que fizeres. Conquista-os e depois vai-te embora.

Thurwar esperou, de saca-rolhas cerrado no punho.

Os joelhos de Bishop dobraram-se apenas o suficiente para que a sua postura lhe dissesse: *Ataca-me*. Olhou para Thurwar e disse:

— Não sou eu que te vou deixar viver. Tu é que vais escolher viver. Vou girar o corpo e quando o martelo me sair da mão, não o vou conseguir deter. Percebeste?

Thurwar percebeu e não percebeu. Não o podia perceber verdadeiramente. Não naquele momento. Bishop deitou a mão ao capacete e tirou-o. Desenhadas na pele escura, as cicatrizes reluziam-lhe no pescoço. O cabelo preto estava preso em tranças finas junto ao couro cabeludo. Melancholia ergueu os braços e a multidão voltou a gritar de júbilo. Thurwar levantou os olhos para o ecrã gigante

do recinto. Ocorreu-lhe então que aquela deusa era uma mulher como ela.

Melancholia Bishop sorriu novamente por breves instantes, antes de o rosto se fechar numa expressão implacável. Thurwar deu um passo em frente em direção ao seu destino.

Ergueu o braço, mantendo a mão em forma de concha, levantou a perna direita e pousou-a com toda a força que tinha. Atirou-se para a frente, totalmente focada em ganhar ímpeto, mantendo os olhos fixos no pescoço de Bishop, tão tenro e humano como o de qualquer outra pessoa. O braço esquerdo voou para trás, cortando o ar e propulsionando-a, ao mesmo tempo que a sua perna esquerda se projetava para cima, o joelho se lançava para a frente e a passada se alongava. Correu.

Mel...

O pé esquerdo foi o primeiro a aterrar. Assim que o pé pousou, curvou-se até ao chão antes de continuar a investir. O corpo lembrava-se, lembrar-se-ia sempre, de como se corria com intenção.

... an...

Uma vez mais, os braços mudaram de posição, alternando-se com precisão ao mesmo tempo que a perna direita subia e logo descia, estugando ainda mais a passada. Estava muito perto. Tinha a mente em branco, confiando apenas no seu corpo, que se precipitava em frente.

... cholia

Os braços cortavam o ar e as pernas aceleravam. Continuava a investir, a alternar braços e pernas, ganhando velocidade. O corpo dizia-lhe: Esta velocidade, eu, o teu corpo é a tua arma.

À distância de dois passos, o braço de Melancholia recolheu num movimento negativo, um ato preparatório. Puxou o martelo para trás, imagem de todo o potencial de destruição.

O pé de Thurwar pousou novamente. Melancholia avançou, lançando primeiro e depois deixando que a força do martelo a puxasse. O martelo cortou o ar numa canção assassina. Thurwar mergulhou para o chão, encolheu a cabeça e o pescoço, e deu uma cambalhota ao mesmo tempo que o martelo semeava morte fresca no vazio. Agachou-se e depois saltou, a mão direita à frente,

empunhando o saca-rolhas. Ao sentir o rasgar do maxilar de Melancholia, irrompeu-lhe um grito da garganta.

O silêncio fez nascer algo novo dentro de Thurwar. Sentiu um formigueiro por todo o corpo quando o punho se lhe manchou de vermelho. Uma golfada de sangue irrompeu dos lábios de Melancholia. O martelo ergueu-se brevemente e tombou, roçando ao de leve o ombro de Thurwar, que se desviava da sua trajetória mortal. Thurwar saltou para as costas de Melancholia, envolveu-lhe a cintura com as pernas e cravou-lhe o saca-rolhas com força no pescoço, puxando-o de seguida e voltando a enterrá-lo. Desta feita, ao tentar puxá-lo, o saca-rolhas resistiu, preso no emaranhado de carne e tendões de Bishop. Thurwar puxou com mais força e, quando o fez, saiu só o cabo: o parafuso de metal perdera-se algures na garganta de Bishop. Sem nada com que perfurar, Thurwar começou a socar a cabeça de Melancholia. Depois de desferir três golpes fortes, sentiu os joelhos da campeã cederem.

Bishop bateu debilmente em Thurwar por trás das costas, como se esta fosse uma mosca incómoda. O martelo estava no chão. Thurwar inspirou deliciada o doce e impagável silêncio da absoluta reverência que se instalara no recinto.

Urrou, vitoriosa. Como se num vácuo, naquele momento nada bulia. Saltou das costas da mulher, mas Melancholia continuava de pé, sonolenta e mole, incompreensivelmente imóvel. Ao vê-la ainda erguida, Thurwar apressou-se a agarrar o martelo. Os dedos envolveram o punho e Melancholia baixou os olhos para ela. Subitamente receosa, Thurwar deu um salto para trás. Bishop cambaleou, agarrada ao pescoço, e depois soltou-o. Os olhos castanhos e bonitos, apesar de cansados, arregalaram-se-lhe por instantes ao encarar Thurwar, a sua assassina.

Acaba comigo, diziam.

Thurwar fez-lhe a vontade. Deu dois passos rápidos em frente e fez com que o martelo estourasse como uma bomba na cara da dona original. E depois as pessoas, aquelas pessoas, já não estavam em silêncio.

PARTE I

Hurricane Staxxx

Isto era sagrado.

A vibração do clamor de milhares à sua espera. Um mar de vozes acima, em toda a volta, omnipresente. Com a gadanha nas mãos, disse aos guardas que se afastassem e balançou-a para a esquerda, depois para a direita, aquecendo a coluna. Sentiu-se inundada por um fluxo de energia. Fechou os olhos e entrou no seu corpo. O seu corpo nem sempre a fazia sentir-se segura, mas ali, sob o mar de vozes, sentia-se imaculada.

O portão abriu-se à sua frente. Aí, no fim de um túnel que se abria para a luz, Hamara Stacker, cujo nome de guerra era Hurricane Staxxx, era ainda uma silhueta.

Um disco flutuante de metal brilhante apareceu-lhe à frente e ela encostou-lhe os lábios e disse:

— Quem é amiguinha da faca, quem é? — Sobrepondo-se à música animada, a voz sintetizada e alterada para um tom mais agudo fez o coração das pessoas bater com mais força.

STAXXX, ouviu-se em uníssonos, sem qualquer hesitação.

Entrou no campo a correr. Os holofotes brilhavam intensamente e douravam-lhe a pele castanho-clara. As rastas caíam-lhe soltas em cordões grossos pelo pescoço, descendo pelos ombros e até ao leve peitoral de polímero de fibra de carbono reforçado, ornamentado com a insígnia da WholeMarket™, um farto cesto de fruta. As canelas e o braço esquerdo estavam envolvidos em cabedal branco, um estilo que Thurwar tornara popular. Tinha também

uma manga de proteção rígida sobre o pano de combate enrolado no braço esquerdo. As botas de combate, anteriormente brancas, tinham pequenas manchas castanhas e vermelhas sobre uma base de tom de terra pálido e granuloso. As coxas estavam apertadas por um material elástico que se esticava sobre os músculos, os *collants* também marcados com o cesto de fruta WholeMarket™, estampado na zona da anca, manifestamente não centrado nos genitais, como muitas outras grandes marcas teriam optado por fazer. A WholeMarket™ era uma marca familiar.

Os pulsos brilhavam-lhe, prova perpétua do controlo eterno das algemas magnéticas que tinha sob a pele.

Uma outra câmara pairava à sua volta, captando os X que tinha gravados pelo corpo. Tinha um no abdómen definido, alguns no pescoço, vários nos braços e um em cada pálpebra. Cada X era uma história do triunfo da sua vida sobre a de outra pessoa. Ela era uma coleção de morte e vitalidade.

— Isso é o melhor que conseguem? — gritou ela para o estádio.

O rosto franziu-se-lhe e a expressão foi ampliada cem vezes no ecrã gigante. Ao ver que tinha ficado aquém, a multidão gritou com mais força. A boca de Staxxx abriu-se num sorriso perverso.

— Em que boazona é que vocês pensam quando batem uma, sua cambada de tarados? — perguntou Staxxx para a câmara HoloMic que flutuava à sua frente, enquanto fazia girar a gadanha, *Love-Guile*, em volta das mãos e dos antebraços. A energia acumulava-se; a ponta laminada da gadanha seguia à frente, acelerava e cortava o ar à medida que Staxxx a voltejava em redor do corpo. O mundo sabia que aquele cabo e aquela lâmina eram uma extensão dela. O público gritou o seu nome.

STAXXX!

— Quem é a quebra-corações de que vocês precisam para vos domar?

STAXXX!

— Quem é que vocês amam tanto que até dói, seus cabrões?

STAXXX!

Hurricane Staxxx. Eles eram o seu vento e o seu trovão.

— O amor está morto neste sítio. Estou a tentar mudar isso. Vá lá, tragam-me de volta à vida!

Staxxx enterrou violentamente a cabeça da *LoveGuile* no chão, de maneira que a ponta da lâmina ficasse cravada na terra, e o cabo, envolto em couro preto e dourado, emergisse inclinado da terra compacta da arena, vazia e plana, à exceção de alguns montes perto do centro e de cinco carros posicionados à sua volta para dar aos espectadores uma vista privilegiada para os modelos em exibição.

O limite exterior do recinto fora concebido para parecer uma autoestrada circular, embora o «asfalto» fosse apenas plástico tratado. O carro branco que estava do lado oposto a Staxxx tinha o para-brisas rachado do combate anterior. A porta do lado do passageiro de uma carrinha azul, não muito longe do centro do terreno, estava pendurada como um dente a abanar em gengivas ensanguentadas.

— Gostam da Hurricane¹, ou têm-lhe tanto amor que até dói?

Amor. Amor. AMOR. AMOR!

— Vocês nem sequer sabem o que isso significa. Como é que podem saber? Nunca o viram. Mas vamos mudar isso. Esta noite vim aqui para distribuir um pouco de amor elétrico! Querem?

A onda de aclamação criou um sentimento de afinidade em todo o público, desde as pessoas que estavam no topo, nos lugares mais afastados, até às que estavam sentadas à frente, nos Camarotes de Sangue, mesmo atrás dos Elos que tinham pagado Pontos de Sangue para lá estar, como Thurwar.

Thurwar sentiu comichão na cabeça rapada enquanto observava a cena num silêncio reverente. À sua direita e esquerda, estavam dois soldados-polícia; tinham-na bloqueado no assento com as palmas das mãos viradas para o céu, como se estivesse a pedir a graça divina. As três linhas verticais em cada pulso, vermelhas e brilhantes, significavam que não se podia mexer, mesmo que quisesse. Olhou para baixo, para o braço direito, cuja linha do meio estava interrompida, defeito meramente cosmético. Esforçou-se por ignorar a comichão, concentrando-se antes na admiração pela artista que ali estava a cativar o público.

¹ Em português, «furacão». [N. T.]

— Quanto? — perguntou Staxxx, arrancando a *LoveGuile* do chão e dando um passo em frente.

Naquilo que era já uma sua marca, Staxxx começava por vezes o combate com a arma caída algures longe de si, colocando-se em desvantagem para gáudio da multidão.

— Amam-me assim tanto? — disse Staxxx para a HMC à sua frente, que a seguia uma fração de segundo depois de cada movimento, ao mesmo tempo que ela usava o lado do cabo da gadanha para traçar uma linha na terra. A multidão vaiou. Queriam mais. — Seus sacanas gananciosos — riu Staxxx, correndo alguns passos para a frente, levantando efémeras nuvens de pó sob as suas botas. — E assim? Já chega?

Traçou outra linha. A multidão redobrou as vaias, em descontentamento.

— Está bem, pronto, acham que consigo dar conta dele? — questionou Staxxx, apontando para o portão à sua frente e avançando depois para o centro da arena, para cima de um monte compacto de terra.

O público entrou novamente em erupção. Staxxx deixou a *Love-Guile* pender do ombro por instantes e depois tirou-a de cima de si, cravando a lâmina afiada no solo. Largou-a e deixou a gadanha plantada como uma bandeira. Nunca a tinham visto deixá-la tão longe. A turba gritava em delírio.

Tirou um elástico de cabelo grosso do pulso, juntou as tranças do cabelo e prendeu-as de modo a passarem de chicotes soltos a um único *bouquet* que lhe saía da cabeça. De seguida, afastou-se da sua arma, dando alguns passos atrás, enquanto as pessoas gritavam. O espírito era algo que se sentia, não que se domava. Fluía-lhe pelo corpo, fazia com que se sentisse a flutuar, brilhante, viva, quase livre. Foi até à plataforma negra instalada diante do portão por onde entrara. O rebordo da plataforma magnética ficou de um vermelho-brilhante ao aproximar-se dela.

Staxxx ficou aí, de pé, com os braços levantados acima da cabeça. Deixou-se enlevar pelo ribombar de adoração que vinha das bancadas e depois apontou para um singelo X preto que tinha no lado esquerdo do pescoço.

— Acerta-me aqui e ficarás para a História como a pessoa que acabou com a Hurricane Staxxx!

A vibração começou: o som dos grilhões magnéticos a ligarem-se. Por instantes, aquilo era um espetáculo em si mesmo: Staxxx a lutar por manter-se de pé, contrariando a incrível força que a puxava para baixo. Os pulsos passaram de laranja a triplo vermelho quando as algemas debaixo da pele, implantadas nos ossos, a fizeram mergulhar para a plataforma que tinha sob os pés. Lançou um beijo quando o meio segundo passou e as algemas magnéticas que tinha nos pulsos bateram com estrondo na plataforma negra, obrigando-lhe o corpo a um ajoelhar irreverente. Staxxx esperou, com os joelhos na plataforma, os pulsos presos magneticamente ao solo. Os dedos abriram-se, prontos para se libertarem quando o momento chegasse.

Micky Wright observava enquanto subia para a sua Cabina de Campanha, que servia de palco e cabina de apresentação. Estava a poucos metros do portão de onde Staxxx tinha saído. Conferiu o seu sorriso no ecrã gigante antes de inspirar fundo e gritar para uma HMC:

— Uma das nossas concorrentes está pronta para a selvajaria. Mas quem sobreviverá? O urso-pardo ou o furacão? — *Urso-Pardo no Olho do Furacão* era o *slogan* do combate, e as bancadas estavam cheias de *t-shirts* com um grande urso-pardo a deitar as garras a uma nuvem que lançava relâmpagos recortados no céu. — A mim parece-me que o furacão está já a formar-se e prestes a atingir a sua máxima força — disse Micky enquanto andava em cima da Cabina de Campanha. — Vamos ver como está o Bear.

No extremo oposto da arena, um portão de metal abriu-se, emergindo de lá uma descomunal figura humana: Barry «Rave Bear» Harris.

As colunas bombardeavam o estádio com *death metal*, e Rave Bear foi vaiado sem dó nem piedade. Avançou lentamente, como um tanque, sob o peso dos músculos e da armadura, uma chapa de estanho grosso que lhe cobria o peito e as costas, e que parecia ter sido resgatada do casco de um velho submarino. Uma das coxas ostentava uma chapa de metal semelhante. As mãos,

braços, cotovelos e joelhos estavam expostos, e eram sujos e cor-de-rosa. Não tinha camisa sob a chapa combinada que lhe protegia peito e costas. Dois tacos de metal pendurados nas costas e na anca tinham contra as chapas enquanto andava, ambos marcados com o famoso H alado da Horizon Wireless. Tinha um capacete de ferro a cobrir-lhe o rosto, semelhante a uma máscara de soldador, com a boca aberta de um urso-pardo a salivar pintada a *spray* na frente.

Uma HMC pairava à frente de Bear, que rosnava para ela. O seu característico Rugido do Urso ecoou como uma encosta a colapsar, arrancando alguns aplausos dos seus fãs mais fiéis. Afinal, ele já tinha esmagado uns bons Elos. Tinha feito a lança de Powell Angler parecer um mero ferrão de abelha. E Powell Angler não se tinha esforçado pouco.

Bear tirou os tacos de metal e pousou-os. Ajoelhou-se na sua Plataforma de Restrição, que vibrou, bloqueando-o.

— Muito bem, temos um furacão e um urso muito esfomeado bloqueados e prontos — anunciou Micky Wright jovialmente. — Está na altura das últimas palavras.

Micky desceu da sua Cabina de Campanha, montou-se numa motoreta elétrica e percorreu o perímetro da arena, sorrindo e acenando, fazendo render o momento e prolongando a espera, a expectativa.

Avançou na direção do corpulento Barry Harris e, quando já estava perto, abandonou a motoreta e sentou-se de pernas cruzadas ao lado da plataforma magnética. Wright sabia perfeitamente que a imagem dos dois homens, tão próximos um do outro, ficaria para a História. O homem-urso, coberto de metal enferrujado, e ele, num fato cinzento à medida. Claro que Wright teve o cuidado de se manter suficientemente longe para, caso as algemas magnéticas de Rave Bear, por algum motivo, se desligassem, continuar fora do seu alcance.

— E então, queres dizer alguma coisa, Bear? Queres partilhar as tuas últimas palavras antes de enfrentares a Hurricane?

Dobrado, com as algemas a brilhar num vermelho intenso, Bear ergueu a cabeça para passar os olhos pela arena ondulante até Staxxx

e à gadanha que ela largara tão longe, tão perto dele como estava dela.

— Não tenho nada a dizer a esta cabra — roncou Bear, com a voz abafada pela máscara.

Mata esta cabra, mata esta cabra, mata esta cabra, sentenciou Bear a Barry. Bear tinha-o mantido vivo até aqui. *Mata esta cabra*. Tinha chegado até ali. Não conseguia pensar em mais nada. Estava pronto. Rugiu. Estava pronto. A multidão gritava. Odiavam-no. Mas se a vitória lhe sorrisse, tornar-se-ia ele o favorito do público.

— Oh, que assanhado! — disse Wright, levantando-se.

Voltou para a motoreta elétrica e dirigiu-se para Staxxx, para repetir o mesmo número, mas mais depressa; o ambiente já estava suficientemente quente. As pessoas tinham esperado e, em breve, receberiam a sua recompensa. Desta vez, manteve-se na motoreta, como se já estivesse atrasado para um compromisso. A sua voz ecoou pela arena.

— E a menina Staxxx, tem algumas últimas palavras para nós?

Staxxx olhou para cima. A cabeça estava inclinada há vários minutos, como se imersa em meditação profunda ou a rezar. Sorriu com sinceridade.

Thurwar quase conseguia distinguir-lhe o dente inferior da frente lascado. Não precisou de olhar para o enorme ecrã para ver que os olhos de Staxxx brilhavam com uma bondade que a fez sentir algo parecido com medo.

— Amo-te — sussurrou Staxxx, olhando para Barry Harris.

As suas últimas palavras eram as mesmas que proferira em cada uma das suas dez últimas aparições no Campo de Batalha, e com isso, ao dizê-las, estas eram multiplicadas por milhares nas bancadas, que repetiam o mantra com ela.

AMO-TE

O mundo inteiro gritava. Staxxx ouviu a proclamação ecoar pelo estádio e recolheu-se no seu corpo para sentir a verdade do seu poder. Ela era um recipiente para o amor, e pregava-o explicitamente em todos os combates até à morte. Amor, amor, amor. Ela trazia amor àquele espaço tão distante disso: tornara-se a sua missão. Mostrava-lhes que ela, Hurricane, era capaz de amar sem reservas e que, se

procurassem bem dentro de si mesmos, veriam que também eram capazes de o fazer. E, quem sabe, talvez um dia compreendessem aquilo que tinham ativamente viabilizado e ajudado a criar.

— Bem, vamos lá — disse Wright. — Não aguento esperar mais! — Dirigiu-se para a cabina de apresentação e abrigou-se lá dentro com a motoreta. Espreitou pelo grande vidro acrílico que ia do chão ao teto e inclinou-se para um microfone com fio que tinha junto da cara. — Desbloquear! — gritou.

A onda de som de campos magnéticos de alta potência a desligarem-se, como se o próprio ar tivesse tossido com força, varreu o estádio. E o combate começou.

Bear rugiu, de cabeça levantada, oferecendo a sua raiva aos céus, como era seu hábito. Do outro lado do campo, Staxxx erguera-se da plataforma e começara a caminhar. Os primeiros passos foram precisos e intencionais. Como se estivesse a fazer alongamentos.

Bear pegou nos tacos e começou a correr. Os seus movimentos eram pesados, sedentos e óbvios. Batia com os tacos um no outro por cima da cabeça à medida que avançava. As HMC, que o seguiam a boa distância, captavam o som das chapas de metal, presas uma à outra por correias de couro que lhe passavam por cima dos ombros, batendo contra a pele húmida e as costas.

Staxxx também começou a correr. Thurwar observou-a a acelerar, leve e livre de embaraços. As mãos abertas e maleáveis enquanto os braços subiam e desciam cada vez mais rapidamente, a passada devorando facilmente os metros que tinha pela frente.

Agarrou no cabo da *LoveGuile* meio segundo antes de os dois se encontrarem.

Bear atacou, tentando esmagá-la.

Com a *LoveGuile* na mão, Staxxx dobrou o corpo para trás com a beleza de uma coreografia. Os dois tacos cortaram o ar a centímetros do seu flanco esquerdo com a força bruta e violenta do batedor de basebol que falha uma bola cheia de efeito. Staxxx rodopiou sobre si mesma, fazendo a sua lâmina cortar o ar de cima para baixo, ceifando o mundo à sua volta com tanta violência que só quando o corpo pesado de Bear fez contacto com o chão é que ele compreendeu que a perna direita se separara do corpo.

Atónita, a multidão inspirou como um grande e único pulmão, sustendo a respiração. E expirou.

E depois, o júbilo, uma alegria verdadeira e crua, tomou conta de todos. As pessoas levantaram-se. Thurwar, se pudesse, teria feito o mesmo. Uma obra-prima de violência. Um golpe que ia diretamente para os anais da História. E Thurwar levantou-se, efetivamente, uma vez que os guardas lhe tinham mudado as algemas para cor de laranja, ordenando-lhe que os seguisse e se preparasse. Continuou a olhar para Staxxx até o pescoço não poder virar-se mais. Depois, desapareceu para dentro do estádio com os guardas.

Bear tinha a cara na terra, mas ainda esbracejava, os tacos para cima e para baixo, para cima e para baixo, como se estivesse a tentar nadar em terra. A HMC mais próxima baixou e captou-lhe os gritos, que se transformaram em gemidos, balbucios e queixumes. Os anos de vida que existiam dentro dele escoavam-se num derrame vulcânico pela coxa. A multidão ficou em êxtase.

— Merda — disse Barry.

— Amo-te, sabes? — disse Staxxx, sacando de seguida da segunda arma, uma faca de caça chamada *Matança*, e cortou as correias do capacete e da armadura de Bear. Nas costas, tinha um único H azul tatuado. Virou-o para ele poder ver algo mais do que terra. Quando lhe tirou o capacete de ferro da cabeça, a multidão pôde ver como era Bear no momento da sua morte. Os olhos castanhos pareciam incapazes de se focar, como se estivesse a tentar acompanhar qualquer coisa que flutuava de um lado para o outro. Tinha o cabelo empastado e oleoso, e as bochechas rechonchudas estavam sem cor.

— Não te preocupes com eles, querido — disse Staxxx. — Não te preocupes com eles. Isto é teu. Não o percas. — Beijou-lhe a cara várias vezes e depois cortou-lhe a garganta.* A música

* Barry Harris estava embriagado. Outra vez. Os agentes encontraram-no desmaiado por cima do corpo de Harold Marcer, um homem que Barry afirmava ser o seu melhor amigo.

— Sim, senhor, é sem dúvida uma maneira interessante de demonstrar que se gosta de uma pessoa — brincou um agente, desferindo-lhe de seguida um soco na boca e empurrando Barry, já algemado, para dentro do carro. Barry e Harold tinham praticado luta-livre no liceu. Às vezes, ainda lutavam. E Harold

temática dela irrompeu das colunas de som e o público rejubilou. Esculpia-lhe vários X no corpo. O sangue jorrava, e, a cada X, Staxxx beijava-lhe essa pele chorosa. Estava grata por conseguir distanciar-se de si própria àquele ponto. Sabia o que tinha a fazer e porque o fazia, e observava-se como se fizesse parte da multidão em delírio.

Quando acabou, parecia que Bear tinha sido tirado de uma trituradora de madeira e que Staxxx tinha tomado banho em sangue.

— Amo-te! — gritou ela enquanto os guardas a puxavam e arrancavam de junto do corpo, voltando a trancá-la à força na Plataforma de Restrição.

— Eis aquilo a que se pode chamar um final de caixão fechado — disse Micky Wright da sua cabina, ao mesmo tempo que dois guardas enrolavam o gigante defunto em plástico e o arrastavam pelo túnel de onde tinha vindo, com um terceiro homem atrás carregando a perna às costas. — O que significa uns Pontos de Sangue a mais para a já farta conta da menina Stacker.

Wright esticou a cabeça para fora e saltitou pela terra remexida pelo combate em direção a Staxxx. Esta levantou a cabeça e cuspiu no chão enquanto ele se aproximava. Wright abrandou a marcha, mas não parou.

— Que espetáculo, que espetáculo — comentou ele, com um sorriso na voz. — Qual é a sensação de ser a Hurricane neste momento?

— É a sensação de esmagar uma criança com as mãos. É a sensação de ver a própria pele abrir-se enquanto se crava uma mensagem para o futuro nos braços — disse Staxxx, ainda estabilizando

não era do tipo de se negar a uma luta, embora Barry já tivesse lutado na categoria de 100 kg e Harold apenas nos 73 kg.

— Lembra-se de ficar zangado com alguma coisa?

Barry lembrava-se efetivamente de ficar zangado com alguma coisa, mas não concebia ter ficado zangado ao ponto de fazer algo daquele género. Era Harold que geralmente lhe fazia companhia quando a Tiff lhe moía o juízo, o deixava ou voltava para ele, para depois lhe dar com os pés uma vez mais. Mas estavam embriagados, e ele acordou com o Harold frio e a dormir, a cabeça no seu peito e o braço preso à volta do pescoço do amigo. Barrington Eli Harris.

a respiração. Também ela era uma espectadora. Estava a ver aquilo tudo. — Chamem-me Colosso, porque consigo ver o futuro. Não têm de quê. — Um dia iriam compreender.

A multidão bateu palmas, em reconhecimento e elogio. Eram cultos, gostavam daquilo, de Staxxx e das suas palavras. Queriam que ela vivesse e adoravam que ela continuasse a fazer o que fazia. O Campo de Batalha era um santuário erguido em homenagem à violência bruta, e Staxxx era tão violenta como qualquer outro, mas tinha o bónus de oferecer algo mais depois de quase todos os combates. Um poema, uma história e, claro, mais amor. Fazia questão. A sua violência, o seu afeto, as mensagens, enigmáticas ou cristalinas: tudo aquilo acrescentava várias camadas à complexa personagem a quem chamavam Hurricane. E como se consideravam pessoas boas e cultas, há muito que haviam decidido que podiam apreciar a forma como ela os entretinha, ainda que as deixasse desconfortáveis, ainda que se questionassem se... Bem, não havia necessidade de pensar demasiado nisso. Ficavam sobretudo empolgados por ela estar cada vez mais próxima da categoria de Colosso, um nível que só os maiores Elos haviam atingido.

Nos corredores do estádio, Thurwar sorriu com o baque de desconforto que sentira ao ser recentemente nomeada Grande Colosso.* Era uma espécie de titularidade. Já se tinham passado quase três anos desde a sua entrada no circuito e sentia-se na posse do novo título. Um título que conquistara depois da morte recente de uma das melhores amigas que já tivera naquela parte da sua vida. Agora era dela, Grande Colosso. E embora Staxxx tivesse acabado de dizer à multidão que lhe chamassem Colosso, o facto é que, pelo menos por enquanto, Staxxx ainda era uma Ceifa-Vidas.

— A poetisa falou — disse Wright, fazendo um gesto para os guardas irem buscar Staxxx. — Não querem dar uma palavrinha de encorajamento à nossa pombinha do amor? — Wright agarrou

* Título atribuído ao Elo mais próximo da liberdade. Os Elos enquadram-se nos seguintes níveis: Iniciado, Sobrevivente, Cúspide, Ceifador, Ceifa-Vidas, Colosso, Grande Colosso, Libertos.

uma mão-cheia do cabelo encharcado em sangue de Staxxx; depois soltou-a e fez uma careta ao sacudir o sangue da mão. — Esta é uma grande noite para ela, sabem? Se ganhar, terá atingido um novo nível. Quase trinta e cinco meses. O que acha disso?

— Acho que vamos celebrar no Circuito — disse Staxxx. — E talvez tipos como você possam bater uma à pala disso também.

A multidão riu-se. Wright pôs uma mão sobre a boca, fingindo embaraço.

— Esperemos que sim — disse Wright ao mesmo tempo que um dos guardas por trás de Staxxx lhe encostava um bastão magnético Magrod™* aos pulsos. As três linhas vermelhas de estado fundiram-se numa quando os pulsos de Staxxx aderiram ao bastão. Ao levantar-se, parecia um tubarão preso numa linha de pesca.

— Amo-vos — declarou Staxxx novamente ao sair.

A multidão gritou. Virou a cabeça, enquanto eles a puxavam, para ver se conseguia vislumbrar Thurwar. Deparou-se com o lugar vazio, como seria de esperar. Um dos guardas pegou na gadanha e na faca de Staxxx, e desapareceram pelas entranhas do estádio enquanto a multidão via um anúncio da nova carrinha de caixa aberta FX-709 da Electrico Power™.

As botas dos soldados-polícia batiam ritmadamente no chão cinzento, ecoando nas paredes cobertas de retratos dos Vroom Vroom City Rollers, uma equipa de basebol da segunda liga.

— Então, ninguém pensou que eu poderia precisar de uma toalha? — perguntou Staxxx.

O guarda que a puxava hesitou um pouco. Ela viu que ele estava envergonhado, apesar da viseira de proteção. Como todos os soldados-polícia, o capacete tinha uma viseira preta que lhe escondia completamente os olhos.

* O bastão com pega magnética Te-SIP 2.2 Magrod™ modelo 7 da ArcTech™ pode ser utilizado com todos os produtos da série 7 da família de segurança Magnetic como dispositivo de controlo e auxiliar de transporte, sendo também um instrumento robusto de defesa e disciplina. ArcTech™, a mais implacável em Segurança Tática.

— Cala-te, presidiária — disse o guarda principal, posto assinalado por uma faixa cinzenta nos bíceps, empurrando-a nas costas com o bastão preto.

— Não pode estar a falar a sério — disse Staxxx, olhando para a viseira.

— É melhor calares a boca, presidiária — repetiu o guarda, fazendo sinal para que a unidade prosseguisse.

Staxxx fechou os olhos e continuou a andar.

— Quero uma toalha.

— Tens uma nos vestiários, e um chuveiro também. Tu sabes disso, Stacker.

— Staxxx.

— Presidiária — disse o guarda principal.

— Colosso.

— Ainda não.

Staxxx caiu no chão. Caiu de costas, com os braços levantados acima dela, ainda ligados ao bastão magnético Magrod™ do guarda. Sentiu o sangue na pele a secar e a cair às lascas. Tentou absorver aqueles momentos, aqueles poucos momentos da sua vida em que não estava a ser observada por centenas de milhares de pessoas, mas apenas sob a vigilância de alguns homens fracos. Quando não tinha câmaras a flutuar-lhe à volta do rabo, pedindo-lhe para ser a Hurricane. Ali ela podia arrepender-se à vontade, ter esperança abertamente, ser quem era realmente. Tentou pensar em si mesma, especificamente. Não no Circuito, em Thurwar ou em Sunset ou no desgraçado que acabara de estraçalhar.

Um dos guardas bateu-lhe nas costelas com o bastão. Com força suficiente para a fazer tossir, mas com suavidade que chegue para ela perceber que ele temia o que lhe podia acontecer se a magoasse.

— Vamos lá, presidiária.

Queria aproveitar aquele tempo com aquela parte de si que quase nunca via. Sentia um profundo pavor, a adrenalina a baixar, uma dor de cabeça e um medo intenso da retribuição que poderia vir de muitas maneiras. Disse a si própria que era Hamara Stacker. Disse a si própria que era a Hurricane Staxxx. E depois disse a si própria que

também não era nenhuma daquelas pessoas. A ansiedade tomou conta de si, e tentou lembrar-se de respirar e de que aquele era o seu momento de felicidade. Recebeu novo golpe nas costelas, desta feita um pontapé, e um bastão atingiu-a com força na anca. Respirou fundo e pensou no que tinha ali à sua frente: homens fracos que a temiam. Sangue acabado de derramar. O betão frio. O som de mais botas a aproximarem-se.

Staxxx abriu novamente os olhos e olhou para o guarda principal. A cabeça dele virou-se para trás. A unidade estava concentrada nele.

— Poderosa menina Staxxx — disse ele —, queira fazer o favor de levantar esse seu rabo Colossal. — Puxou-a para cima pelas axilas, coisa que ela permitiu, pondo-se de pé.

— É só isso que peço — disse ela docemente.

Puxou os ombros para trás e alongou o pescoço para mostrar que não estava magoada, que os soldados-polícia não a conseguiam magoar. Abriu-se uma porta a alguns metros. Staxxx sorriu e despediu-se com um aceno de dedos.

. . .

— Deixem-me vê-la — pediu Thurwar baixinho.

— Está bem, mas despache-se — respondeu um dos soldados-polícia. Afinal de contas, tratava-se de Thurwar.

Thurwar percebeu que Staxxx tinha orquestrado a pausa que lhes permitira encontrarem-se no corredor. Ao vê-la viva e a sorrir, ainda que coberta de sangue — especialmente coberta de sangue —, Thurwar sentiu que estava a ver a verdadeira Staxxx à transparência. A pessoa que acabara de ceifar uma vida e ainda emanava o turbilhão de sensações que vinham com a responsabilidade de provocar a morte de alguém. Agarrou com mais força o martelo de guerra e deu uns passos em frente. Os homens à volta de Staxxx sabiam que era melhor afastarem-se perante a aproximação de Thurwar. O agente que tinha Staxxx presa pelo bastão olhou para o superior, que acenou com a cabeça, e libertou a prisioneira. Os pulsos uniram-se subitamente, passando a exibir duas linhas vermelhas. As duas guerreiras,

uma limpa, outra encharcada em vida desperdiçada, fitaram-se nos olhos.

— Estiveste bem — disse Thurwar, com os pulsos unidos como os de Staxxx.

— Que romântico — disse Staxxx, fazendo uma careta e projetando uma decepção demasiado grande para ser verdadeira.

Thurwar sorriu. Depois virou-se e ofereceu-lhe o ombro, envolvido numa proteção de fibra de carbono com a representação de um martelo a esmagar um prego, a insígnia do LifeDepot™. Staxxx fez o mesmo e ofereceu-lhe o seu próprio ombro. Roçaram os ombros, e o sangue tingiu o logótipo da empresa de materiais de construção e decoração, ao mesmo tempo que Thurwar fechava os olhos. Staxxx manteve os dela abertos e ficou a ver Thurwar a desfrutar do momento. Era um abraço marcial entre duas verdadeiras guerreiras, como o mundo há séculos não via.

Thurwar continuou a roçar o ombro até que Staxxx se afastou, rígida, e esperou que Thurwar abrisse os olhos.

— Agora concentra-te — disse Staxxx. — Preciso de ti de volta aqui comigo para podermos mudar as coisas. Para fazermos o que o Sun queria. — Absteve-se de ser mais explícita; sugerir demasiado um futuro fora do mundo da luta era perigoso. Tinham de estar de pés bem firmes no presente para matar. — Somos eu e tu — concluiu.

— Tu e eu — murmurou Thurwar em resposta.

E Thurwar lembrou-se subitamente de Sunset, o Grande Colosso que a precedera. Como ela, ele compreendera o que era escolher aquela vida e dar-se bem com essa decisão. Mas, no princípio da semana, ao acordar, souberam que ele estava morto. Estava morto e ninguém reivindicara a sua morte. Morrera durante uma Noite de BlackOut, quando todas as câmaras estavam desligadas. Ninguém vira como morrera exceto o autor do feito. Tinham-lhe cortado a garganta, como se tivesse sido apanhado por trás à socapa. O assassino usara a espada do próprio Sunset e fora um golpe cirúrgico. Sunset estava tão próximo de ver o mundo. Ela tinha-o deixado escapar por entre os dedos. Um dos dela, um dos outros membros da Corrente Angola-Hammond, tinha matado

Sunset Harkless, e ela, Loretta Thurwar, que sabia tudo sobre os A-Hamm, que era uma A-Hamm, não podia apontar com certeza quem fora. E não conseguia arranjar coragem para pensar nas vagas suspeitas que efetivamente tinha.

Apercebeu-se da sensação que crescia dentro dela e reprimiu-a, como tantas vezes tinha de fazer. Inspirou pelo nariz, susteve a respiração, e depois soltou tudo o que não era ela e o seu martelo. Até que os combates acabassem, não podia haver mais nada além disso. Thurwar abriu finalmente os olhos e olhou para Staxxx. No sorteio, tinha calhado a Thurwar um combate-surpresa; não sabia quem estava prestes a enfrentar ou o que poderiam fazer. Mas nem nisso Thurwar conseguia pensar.

— Não anda por aí ninguém com quem te devas preocupar — tranquilizou-a Staxxx. — Tens sorte por estares na minha Corrente — acrescentou, sorrindo.

Era uma brincadeira, mas também era verdade. Os Elos da mesma Corrente nunca lutavam uns contra os outros no Campo de Batalha. As Correntes não haviam sido concebidas para ser uma equipa, mas, por causa dessa regra, podiam sê-lo. Podiam partilhar estratégias de combate ou ajudar-se uns aos outros a ganhar armas, como Thurwar tantas vezes fizera. Solidariedade dentro da Corrente, tal como Sunset defendia. Os Elos da Corrente eram das únicas pessoas em quem podiam confiar. Ainda assim, atacavam-se demasiadas vezes uns aos outros. Porém, Sunset era diferente e insistia com os outros para o serem também. Ele era um deles, um campeão, não ostentando a sua força nem se gabando de quantos já aniquilara, mas promovendo antes a ideia de que todos eles eram melhores do que o mundo pensava, e que podiam valer-se uns dos outros para o demonstrar.

— Tu é que estás na minha Corrente — disse Thurwar, implicitamente destacando qual delas era um Colosso.

Staxxx tentou arrancar mais um sorriso a Thurwar, mas o rosto desta voltara à sua habitual inexpressividade. Percebeu que Thurwar encarnava já a guerreira que o mundo temia. Desejou poder ter mais alguns minutos, até mesmo segundos de calor com a sua pessoa. Mas não era possível.

— Pronto, já chega — disse o agente responsável pelo grupo de Staxxx. E, por instantes, toda a gente no corredor lhe ficou agradecida. Staxxx seguiu para o processamento e para o duche e, depois, para mais um X tatuado na pele.

Thurwar caminhou em frente. Já ouvia Micky Wright a preparar as pessoas para si.

B3

*A B3 não é para mim. A B3 não é para mim. A B3 não é para mim.**

A Coligação para Acabar com a Neoescravatura era apenas um dos vários grupos de manifestantes que se encontravam do lado de fora da Arena MotoKline. Todos juntos seriam... dezenas? Estaria lá uma centena de pessoas? Nile não sabia, mas esperava que os repórteres dissessem centenas, não dezenas, embora não houvesse definitivamente mais de duzentas pessoas na manifestação. Ainda assim, sentia-se orgulhoso, com as mãos suadas à volta do megafone. O toque de reunir tinha sido dado. Tinham visto a notícia nos seus *feeds*. E a morte inesperada de Sunset Harkless significava que *tinham* de vir.

Nile viera ao volante do seu carro desde Saylesville, onde estava sediada a unidade de representação local da sua coligação. Trouxera comida. Ficou dececionado por Mari não ter vindo com ele e que tivesse preferido ir com a mãe dela, Kai, a presidente do comité diretor da coligação. Fosse como fosse, viera vestido de preto,

* A Lei da Escolha Legítima, vulgarmente conhecida como Reinserção por Desportos de Sangue de Bobby (em inglês, Bobby's Bloodsport Bridge, ou BBB, B3, ou B Três), aprovada no tempo do presidente Robert Bircher, determina que, por sua exclusiva vontade e arbítrio, os prisioneiros do Estado podem optar por renunciar à sua execução ou ao cumprimento de uma pena de, pelo menos, vinte e cinco (25) anos, e, em vez disso, participar no programa CAPE. Após três (3) anos de participação sucessiva no referido programa CAPE, o prisioneiro poderá ver-lhe concedida clemência, a comutação de pena ou um perdão total.

à semelhança dos outros, e estava ali fora, suando, entoando palavras de ordem, não vendo Staxxx, nem Thurwar, nem Sai Eye Aye, mas lembrando a toda a gente que ali passava e entrava na arena que estavam a consumir veneno, por mais que a embalagem tivesse bom aspeto. Estava ali com a amiga para exprimir a sua discordância com tudo aquilo. Além disso, os outros membros acharam que ele tinha jeito para usar o megafone, uma peça *vintage* de plástico escorregadio que, nas suas mãos, lhe dava uma certa sensação de poder.

— A B3 não é para mim!

A sua voz amplificada dava o mote para as dezenas que se lhe seguiam. Tinham marchado à volta da arena vezes sem conta. Faziam-se ouvir a cada passo que davam. Já lá estavam há mais de uma hora quando se sentiu suficientemente confiante para aceitar o megafone. E agora ali estava ele.

— Vá, muda de frase — disse Mari, dando-lhe uma cotovelada suave nas costelas. — Tens o microfone, por isso não te cales.

— A B3 não é para mim! — entouo Nile uma última vez.

O cabelo de Mari estava arranjado numa explosão de caracóis negros à volta da cabeça, presos com uma fita preta que lhe cobria a testa e o início do couro cabeludo. Os olhos castanhos eram intensos e conhecedores, e quando os lábios se lhe curvavam um pouco, ficava com uma covinha de cada lado do rosto. O fenómeno não acontecia muitas vezes na manifestação, o que ele obviamente compreendia.

Nile escutou a multidão e reparou que as palavras se arrastavam mais do que lhes saltavam das gargantas. Afastou a boca do megafone e sussurrou para Mari:

— Pronto, e agora?

— Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer — respondeu ela.

— Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer — repetiu Nile para o megafone.

A pequena multidão rugiu a sua aprovação enquanto continuava a andar à volta da arena. Sob o olhar atento dos soldados-polícia, cantaram com renovado vigor. Antes de ter a coragem de ser quem lançava as palavras de ordem, Nile observara atentamente o modo como os outros o faziam. Era uma arte. Escolher as palavras que

melhor veiculam o momento de forma rápida, precisa e honesta. Se mal feito, causava estranheza, como correr com uma dor no tornozelo. Se bem feito, era como unificar todas aquelas almas numa única força, poderosa e invencível. E se se conseguisse unir pessoas suficientes numa só voz, então, acreditava Nile, podia fazer-se tudo.

Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer

Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer

Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer

Nile analisou as pessoas à volta deles. Os soldados-polícia eram os seus «acompanhantes», estavam lá para proteção deles, como prometiam as licenças da manifestação. «Se pedires autorização, estás a dar-lhes poder», dissera Kai há três reuniões. Mas o grupo Vroom Vroom local que liderava a manifestação tinha optado por pedir a licença. Estavam a contar com uma adesão elevada e queriam garantir que as coisas não ficavam demasiado descontroladas. Naquele momento, Nile concordava com Kai.

Os soldados-polícia envergavam um uniforme azul-escuro e preto, circulando em volta do grupo com as suas motas ou a pé, de peito inchado como pombos. Os crachás brilhavam ao sol do meio da tarde. E, como na maior parte dos eventos desportivos importantes, concertos e (especialmente) manifestações e protestos, encontrava-se estacionado um pequeno tanque preto do outro lado da rua, com as letras VVPD inscritas a amarelo de lado e a cabeça de um único soldado-polícia a assomar no topo, ostentando um sorriso condescendente debaixo da viseira.* Quando um carro passou e gritou «Vão-se foder!» para a multidão, Nile viu um dos soldados-polícia rir-se e levantar o polegar ao condutor.

Ainda assim, alguns curiosos levantaram os punhos em solidariedade. Outros bateram palmas à passagem da manifestação. E outros riram-se. Mas a maior parte comportou-se como se os

* O Departamento de Apoio às Forças Policiais (Law Enforcement Support Office) gere o Programa 1033, o qual surgiu no mandato do presidente George Herbert Walker Bush, transferindo o equipamento militar em excesso para departamentos da polícia civil. O excedente de equipamento, armas, etc., destina-se a ser usado no combate às drogas.

manifestantes não estivessem sequer ali. E, claro, alguns não estavam a representar. Alguns não pensavam realmente no facto de o Governo a quem os seus filhos juravam lealdade na escola assassinar diariamente homens e mulheres.

Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer

Há pessoas a sofrer, o BBB tem de morrer

Nile começou a ficar rouco. Beliscou o ombro de Mari e estendeu-lhe o megafone.

— Não, continua, estás a ir bem — recusou Mari, tirando a tampa da garrafa de água e teatralizando o quanto a refrescava, quase se engasgando com o riso.

Nile engoliu em seco, e estava prestes a voltar às palavras de ordem quando a música voltou. Do lado de fora, ouviam-na perfeitamente: o tema de uma das estrelas mais letais e queridas dos desportos de sangue, Hamara Stacker, mais conhecida como Hurricane Staxx.

— Merda — disse Nile para o megafone antes de ter tempo de o afastar da boca.

Tinha tentado ao máximo evitar o Campo de Batalha. Mas a sua brutalidade estava por todo o lado. Aparentemente, a SportsViewNet estava a preparar-se para a cobertura integral dos jogos, embora, até ao momento, só tivessem mostrado fotogramas dos Elos de punho erguido, a fletirem os bíceps ou a baterem no peito, e o oponente caído por terra. Agora, até essa pequena decência editorial ia ser abandonada em detrimento da cobertura integral. Em vez de *pay-per-view*, os Jogos estavam prestes a ficar facilmente disponíveis nos canais de *streaming* comuns.

Nile já tinha deixado de ver a SportsViewNet.

O Campo de Batalha fazia-o sentir-se como se tivesse os órgãos à mostra. Quando ainda estudava, poucos anos depois do lançamento dos Jogos da Prisão, perdera muitos amigos porque se recusava a falar sobre os combates até à morte, a não ser para criticar duramente a matança. Trabalhou alguns anos antes de se matricular. Tinha idade para ser finalista quando se tornou caloiro, e a sua recusa em alinhar no que fosse que estivesse ligado aos Jogos fez com que o segregassem ainda mais na universidade.

É um desporto.

São eles que se inscrevem.

O gajo é um violador, pá.

Também há lá brancos. É justo.

Essas pessoas são perigosas.

Não sejas maricas.

Rejeitava tudo aquilo, e isso tornava-o uma pessoa muito peculiar. Mas acabou por encontrar amigos que sentiam o mesmo que ele, e depois, porque sabiam que era preciso fazer alguma coisa, tinham-se tornado ativistas. Ou tentado. Em geral, andavam em festas e estudavam e viviam vidas jovens e loucas. Mas, quando tinham tempo, manifestavam-se e faziam reuniões. Chamavam-se a Liga Humana. Nile, que terminara a licenciatura três anos antes, sentia-se orgulhoso por ainda existir uma delegação na universidade.

— Puto, acorda — disse Mari apressadamente, tirando o megafone das mãos de Nile. Inspirou fundo e gritou mais alto e com mais clareza do que Nile tinha gritado. — Um homem foi assassinado hoje! — Falou como se estivesse a constatar um facto, quase de maneira fortuita. — Um homem foi assassinado hoje — disse uma segunda vez, pondo um joelho no chão.

O grupo à volta deles fez a mesma coisa numa onda que não teve bem a uniformidade de peças de dominó a tombarem. Por fim, estavam todos deitados de costas ou com a cara no chão da Praça Sul da Arena MotoKline, como era costume fazerem sempre que um combate terminava enquanto estavam a manifestar-se.

— Um homem foi morto hoje! — disse Mari, gritando como se estivesse a ver um familiar à sua frente. Um pai.

Nile via-lhe o peito a subir e descer, sentia-lhe a energia pura, violenta e verdadeira. A vida dela não fora fácil. Boa parte tinha sido definida por pessoas que não conhecia, pessoas que lhe tinham sido tiradas. Quando Nile tentava falar com Mari sobre como fora criada, ela rapidamente se fechava. Não gostava de insistir, mas decidiu que lhe ia perguntar se queria falar depois da manifestação.

— Um homem foi morto hoje! — gritou Mari outra vez, levantando os olhos para o céu, inspirando fundo entre apelos.

Os manifestantes estavam com ela. Nile estava com ela. Sentiu os lábios roçarem acidentalmente no chão, mas não se importou. Eles eram um memorial vivo. Estavam completamente unidos. As vozes, lideradas por Mari, saíam-lhes da boca e como que lhes sincronizavam as almas. Repetiam e entoavam.

Um homem foi assassinado hoje.

Um homem foi assassinado hoje.

Um homem foi assassinado hoje.

E depois:

Temos esperança e rezamos por um mundo diferente. Pedimos que se apercebam de que perdemos o rumo. Há um caminho melhor. Por favor, vejam-nos. Vocês têm medo. Nós temos medo e nisso somos iguais. Por favor, ouçam-nos. Um homem foi assassinado. Chamava-se...

Nile pegou apressadamente no telemóvel e encontrou a informação em falta.

— Chamava-se Barry Harris — disse Nile a Mari.

— Chamava-se Barry Harris — gritou Mari, o megafone a transformar-lhe a voz num lamento de raiva e reverência.

Chamava-se Barry Harris, gritou o grupo para o mundo.

Chamava-se Barry Harris, disseram eles, e juntos tinham tanta mais força.

Ele nasceu, viveu, amou e odiou. Não o desculpamos, nem ao caos e à dor que trouxe ao mundo, mas, porque vemos e sabemos que aquilo que fez num momento de confusão e raiva foi um ataque a tudo o que é sagrado, devemos lembrar-nos e ver que o que lhe fizemos em retaliação lhe mostrou que ele tinha razão. A retaliação na mesma moeda mostrou-lhe que ele não estava errado, mas, antes, que era pequeno. Punir desta forma é plantar uma semente. Chamava-se Barry Harris. Sacrificámo-lo para alimentar o nosso medo, para animar a nossa preguiça. Chamava-se Barry...

— Vão-se foder! — lançou alguém da nesga de uma janela quase fechada. O carro passou a toda a velocidade, mas as palavras tinham magoado.

— Vai-te foder — disse um dos manifestantes, levantando-se subitamente, tenso de fúria.

— Deixa lá isso.

— Não deixo, não. Aquele gajo que vá à merda!

Kai e alguns outros foram acalmar o homem que estava agora com os punhos cerrados junto ao corpo, como pequenas armas. Nile reparou no soldado-polícia junto da passadeira a rir-se, exibindo os dentes brancos. O agente deixou momentaneamente de sorrir ao dar-se conta de que Nile o fixava, e depois voltou a rir-se, estabelecendo então num meio-sorriso divertido. Nile limpou a gravilha que tinha nos lábios. Ouvia, inequivocamente, o baque de um punho a assentar-lhe na cara. Durante um instante, ficou confuso quanto a como e quem o fizera, mas, ao virar-se, viu que um novo grupo de homens, cada um exibindo uma camisa adornada com o seu Elo preferido, e um deles com um X tatuado sob o olho direito, tinha entrado a correr na Praça Sul. A rixa estava já em curso. Mari correu para as pessoas que investiam umas contra as outras.

Mari, que acabara de perder o pai, o homem conhecido como Sunset Harkless, um dos Elos mais famosos do mundo, correu para o coração da briga.

E Nile seguiu-a de imediato, sentindo a violência tomar conta de si.

**LIVRO DO ANO: *The New York Times*, *The Washington Post*,
NPR, *Elle*, *Esquire*, *Chicago Tribune*, *Lit Hub*, *Kirkus Reviews***

**Entre num mundo novo onde, em direto para milhões de pessoas,
os prisioneiros lutam como gladiadores pelo prêmio final: a liberdade.**

Loretta Thurwar e Hamara «Hurricane Staxxx» Stacker são as estrelas dos Jogos da Prisão, pilar do popular e controverso programa CAPE, cujo objetivo é gerar receitas milionárias no seio da indústria prisional privada. No âmbito deste programa, os prisioneiros viajam como elos de uma corrente do estabelecimento prisional a que pertencem, competindo com outros prisioneiros em combates até à morte, na busca da suprema recompensa: a liberdade. Thurwar e Staxxx, elos da mesma corrente e amantes, são as favoritas dos fãs. Se tudo correr bem, Thurwar será libertada dentro de poucos combates, uma possibilidade que lhe pesa tanto quanto o seu martelo mortífero, pois ao mesmo tempo que se prepara para finalmente deixar os seus companheiros de luta, quer a todo o custo ajudá-los a preservar a sua humanidade — a derradeira afronta à lógica brutal destes «jogos». Só que os donos do programa CAPE não se deterão diante de nada e os obstáculos que colocam no caminho de Thurwar poderão ter consequências devastadoras.

**Movendo-se entre os lutadores no campo de combate e os manifestantes
contra e a favor deste programa, *Jogos da Prisão* é um olhar caleidoscópico
e contundente sobre a infame aliança do sistema prisional americano
com o racismo sistémico, o capitalismo desenfreado
e o encarceramento em massa, e um lúcido acerto de contas
com o que significa realmente a liberdade nesse país.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895830084



9 789895 830084 >